Lógica das *commodities*, finanças e cafeicultura

Samuel Frederico

sfrederico@rc.unesp.br

Resumo

O artigo tem como objetivo principal substantivar a noção de lógica das *commodities*, entendida não apenas como uma invenção econômico-financeira, mas também como uma expressão político-geográfica. Para isso, parte-se da transformação do café de um produto exótico à principal *commodity* agrícola mundial no final do século XIX. Para depois, no atual período da globalização, analisar o controle exercido pelas empresas torrefadoras e *tradings* sobre a produção cafeeira e a volatilidade dos preços provocada pela crescente especulação financeira. Dessa forma, tenta-se demonstrar como os produtores locais estão submetidos a uma lógica externa que não podem prever e nem mesmo controlar.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: lógica das *commodities*; produção de café; financeirização; *tradings*; empresas de torrefação e moagem.

Introdução

Commodity é um termo em inglês que significa mercadoria. Mas na acepção aqui assumida, não se trata de qualquer tipo de mercadoria, refere-se a produtos principalmente primários ou semielaborados, geralmente agrícolas ou minerais, mundialmente padronizados, com preços cotados e negociados pelas principais bolsas de mercadorias. Trata-se de uma invenção econômico-financeira surgida nos Estados Unidos, em meados do século XIX (CRONON, 1991), que possui uma forte expressão geográfica e política, exacerbando as especializações territoriais produtivas e enfraquecendo e submetendo o produtor local – pelo menos quando se trata de *commodity* agrícola – a uma lógica única ou global e a uma situação sobre a qual exerce pouco ou nenhum controle, como analisado ao longo do texto.

Ao normatizar o mercado mundial de determinadas mercadorias, a *lógica das commodities* submete os agentes próprios do lugar ou região — produtores, transportadores, comerciantes e empresas locais — aos desígnios dos agentes que atuam em rede na escala mundial – grandes firmas exportadoras e importadoras (*tradings*), conglomerados alimentícios e especuladores financeiros —, acarretando numa vulnerabilidade produtiva local. No caso do café, diversos autores (DAVIRON; PONTE, 2007; TALBOT, 2004; TOPIK, 2003; KAPLINSKY, 2004) têm demonstrado o poder exercido pelas grandes empresas importadoras e firmas torrefadoras, localizadas nos principais países importadores, sobre o que eles denominam de "cadeia mundial da *commodity* café", assim como as bruscas oscilações de preços provocadas pelos especuladores financeiros, como abordaremos mais adiante. Antes, faremos uma breve incursão sobre a emergência do café como uma *commodity*.

De produto exótico a commodity mundial

O café é atualmente a segunda maior *commodity* mundial em valor de mercado, atrás somente do petróleo (TALBOT, 2004). Cultivado em 50 países e consumido em dezenas de outras nações, o café, dentre as atuais *commodities* agrícolas, é uma das mais antigas mercadorias comercializadas no mundo, estando entre os produtos que mais contribuíram para a expansão da economia-mundo europeia (TALBOT, 2004; WALLERSTEIN; HOPKINS, 1986).

O cafeeiro da espécie Arábica[1] é uma planta bastante suscetível às intempéries climáticas (seca, granizo e geada) e que só se desenvolve em condições

1 Existem duas espécies principais de café comercializadas no mundo: a Arábica, que representa cerca de 70% do mercado mundial; e a Canefora, que ocupa os demais 30% (OIC, 2012).

edafoclimáticas específicas: regiões de clima tropical ou subtropical, com temperaturas oscilando entre 17° e 25°C; altitudes entre 800m e 2.000m, dependendo da latitude; e índice pluviométrico entre 1.200 e 1.500mm a.a., com chuvas concentradas na florada e no período de desenvolvimento dos frutos e uma estação seca na época da colheita[2].

Características similares a essas são presentes na região montanhosa da Etiópia, denominada *Kaffa*, onde se originou o café Arábica. Inicialmente utilizado em rituais religiosos e considerado sagrado pelos povos autóctones da Etiópia, o café somente se tornou uma mercadoria quando passou a ser cultivado no Iêmen e comercializado pelos mercadores árabes, no século XV (JAMIESON, 2001). Segundo TOPIK (2003), durante os seus três primeiros séculos de vida como mercadoria, entre os séculos XV e XVII, o café restringiu-se a um estreito mercado de luxo muçulmano, controlado pelo Império Otomano.

Somente no final do século XVII, o café foi incorporado à economia-mundo europeia, quando as companhias imperiais europeias (Holanda, França e Inglaterra) introduziram a *rubiácea* nas suas colônias no Oceano Índico e Caribe. Mesmo assim, o café continuava a ser um produto de luxo, uma especiaria, consumida pela nobreza e pela burguesia ascendente da Europa, sob o monopólio dos Impérios Coloniais. O "exclusivismo colonial" e o tempo relativamente lento dos sistemas de transporte e comunicação dificultavam sobremaneira a ampliação das trocas internacionais.

Porém, a partir da segunda metade do século XIX, o café passou de um produto de luxo a uma mercadoria de consumo de massa. Para Topik (2003), a popularização mundial do café decorreu da combinação de três fatores: a expansão do capital financeiro inglês, o desenvolvimento da produção brasileira e o aumento do consumo nos EUA. Arrighi (1996), ao analisar os ciclos sistêmicos de acumulação capitalista, ressalta que a segunda metade do século XIX se caracterizou por um período de expansão financeira e exportação de capitais da Inglaterra. Parte destes capitais foi utilizada para financiar a expansão cafeeira brasileira, por meio de empréstimos a agentes atrelados à cafeicultura e da construção de infraestruturas como ferrovias, portos e cabos submarinos. Conjugado aos fatores anteriores, a disponibilidade brasileira de terras e de força de trabalho elevou a oferta mundial de café, derrubando os preços internacionais e tornando a bebida popular, ao mesmo tempo em que os EUA se transformavam nos

2 O desenvolvimento da cafeicultura irrigada tem diminuído a dependência com relação ao regime de chuvas.

maiores consumidores mundiais[3].

Associado aos fatores anteriores, o incremento significativo da produção e do comércio internacional de café também não teria sido possível sem o desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação. Como analisado por diversos autores[4], as ferrovias possibilitaram a interiorização das plantações brasileiras, ocupando os fundos territoriais (MORAES, 2001), isto é, as áreas de reserva, passíveis de serem incorporadas ao modo de produção dominante, com o aumento da velocidade e a redução dos custos de transporte. Da mesma maneira, a revolução nas navegações, com a substituição dos barcos a vela pelos navios a vapor, intensificou as trocas comerciais com o estabelecimento de linhas regulares entre a Europa, os EUA e o Porto de Santos, a partir da segunda metade do século XIX[5].

Conjugado à revolução dos transportes, o desenvolvimento do telégrafo também foi imprescindível para a transformação do café na primeira *commodity* agrícola mundial (TOPIK, 2003). O telégrafo permitiu a dissociação, como propõe Raffestin (1993), entre a circulação e a comunicação. Até então, a troca de informações seguia o tempo da circulação dos bens materiais. As informações sobre as cotações, os estoques e as safras eram necessariamente transmitidas pelas cartas ou mensageiros que se utilizavam dos meios de transporte disponíveis. A instalação do primeiro cabo submarino entre Nova York, Londres e a América do Sul, em 1874, revolucionou o mercado internacional de café, ao padronizar as informações (sobre preços, oferta e demanda) e torná-las praticamente instantâneas (TOPIK, 2003, p. 39).

Porém, a ação decisiva para a *commoditização* da cafeicultura foi a criação, em 1882, da *Coffee Exchange in the City of New York* – CENY[6]. Inspirada na *Chicago*

3 Durante a segunda metade do século XIX, a produção brasileira de café passou de pouco mais de dois milhões de sacas (60 kg), entre os anos de 1852/53, para cerca de 15 milhões, nos anos de 1900/01, representando nestes dois últimos anos cerca de 80% da produção mundial. As exportações brasileiras que em 1822, não chegavam a 200 mil sacas, alcançaram quase 15 milhões de sacas em 1901, crescendo mais de 70 vezes durante o período e representando pouco mais de 80% das exportações mundiais de café (MARTINS; JOHNSTON, 1992). Segundo Topik (2003), o consumo de café nos EUA ao longo do século XIX cresceu 24 vezes, no início do século XX, as suas importações representavam cerca de 40% das importações mundiais. O restante era importado principalmente pelos países do Norte da Europa: Alemanha, Bélgica, Holanda e países escandinavos.

4 Dentre os autores destacam-se Delfim Netto (1981), Cano (1998) Saes (1995) e Monbeig (1984).

5 A década de 1860 conheceu uma verdadeira revolução no transporte marítimo com a substituição dos barcos à vela pelos navios a vapor. Os novos cargueiros possibilitaram o aumento da velocidade e da capacidade de transporte, assim como exigiram a construção de portos maiores, mais largos, com calados mais profundos e com maior capacidade de armazenamento. Todos esses fatores contribuíram para o aumento das trocas internacionais de mercadorias (TOPIK, 2009).

6 Ao longo do século XX, a CENY incorporou os negócios futuros de açúcar (1914) e cacau (1979),

Board Trade (1848), a Bolsa de Café de Nova York normatizou o comércio internacional de café, ao padronizar e classificar o café em diferentes tipos, favorecendo a permutabilidade dos fornecedores e definindo a qualidade necessária para uma economia de produção e consumo em massa[7].

Outra invenção normativa associada à CENY foi a criação do mercado futuro para café. Ao analisar a gênese dos contratos futuros, Cronon (1991) alega que a invenção do telégrafo e a padronização dos grãos, instituída pioneiramente pela *Chicago Board Trade – CBOT*, permitiram a venda antecipada dos grãos, antes mesmo de chegarem aos mercados consumidores (contrato inicialmente denominado "a entregar"). A padronização permitia ao comprador saber exatamente o que iria receber, enquanto o telégrafo possibilitava o contato direto e instantâneo e o estabelecimento de uma base comum de preços. Após 1865, o "Contrato Futuro" substituiu o antigo "Contrato a Entregar", definindo o tipo de grão, o volume e a data de entrega. Logo em seguida, como afirmam Daviron e Vagneron (2011), o último passo para a constituição do "moderno mercado de *commodity*" foi a criação do *hedge*, permitindo aos comerciantes (vendedores e compradores) se protegerem contra as oscilações, com a fixação dos preços no mercado futuro.

Se por um lado, os contratos futuros resolveram o problema dos vendedores e compradores, ao eliminar o risco de prejuízo decorrente da oscilação dos preços entre a produção propriamente dita e a entrega dos produtos agrícolas, por outro lado, a negociação dos contratos nas bolsas de valores também possibilitou o surgimento dos especuladores[8], que apostavam na queda ou elevação dos preços futuros determinados nos contratos. Esses personagens (especuladores) passaram a ser denominados *bulls* (touros), aqueles que apostam na elevação dos preços, ou *bears* (ursos), aqueles, que ao contrário, apostam na sua queda.

---

passando a ser denominada Coffee, Sugar and Cocoa Exchange — CSCE. Em 1998, ela fundiu-se com a New York Cotton Exchange, como uma subsidiária da New York Board of Trade (NYBOT). Mais recentemente, em 2007, foi adquirida pela Intercontinental Exchange – ICE, que se tornou a referência mundial para o comércio futuro e de opções das commodities agrícolas e minerais (ICE, 2012).

7 Antes da criação da Coffee Exchange in the City of New York, não existia uma classificação padrão internacionalmente reconhecida, o café era negociado de acordo com o seu porto de embarque ou região produtora (Moca, Java, Santos, Rio, Antigua, Narino, Três Rios, Maracaibo), o que dificultava a padronização e a permutabilidade dos fornecedores. Com a institucionalização da Bolsa do Café de Nova York, o café negociado passou a ser classificado em nove tipos, de acordo com a quantidade de defeitos. Em 1928, a Bolsa de Nova York criou um contrato exclusivo do café proveniente do porto de Santos (Santos Nº. 4), que vigorou até 1986, quando foi substituído pelo contrato "C" para cafés suaves, utilizado atualmente.

8 Segundo a International Trade Center (2011, p. 155), especulação é a "compra e venda de mercadoria na expectativa que a reversão da compra ou venda renderá lucro como resultado da mudança de valor de mercado da mercadoria".

Em pouco tempo, os negócios no mercado futuro suplantaram as vendas no mercado físico, com mais contratos sendo vendidos ou comprados do que grãos disponíveis no mercado. Ao analisar o descolamento entre o mercado físico e o mercado de papéis na segunda metade do século XIX, Cronon (1991, p. 125) afirma que "o mercado futuro não é um mercado de grãos, mas um mercado de preços de grãos".

Se o trigo produzido nas pradarias Norte-americanas foi o primeiro produto agrícola comercializado em uma bolsa de valores (CBOT), como analisado por Cronon (1991), o café foi a primeira *commodity* negociada no mercado internacional.

Com a invenção da *lógica das commodities*, a partir da normatização do comércio internacional, a identidade do produtor e dos lugares foi praticamente eliminada. Para Daviron e Vagneron (2011, p. 97), com a padronização e a classificação do café, "as nações e produtores tornaram-se invisíveis para a parte superior da cadeia", pois os padrões estipulados pelas principais bolsas de valores do mundo não faziam nenhuma referência ao aroma ou à origem geográfica do produto.

Após os produtos agrícolas e seus derivados (trigo, algodão, café, açúcar, cacau, borracha, soja, milho, etc.), a lista de produtos considerados *commodity* não parou de aumentar e de se diversificar. Segundo Charvet (2006), na década de 1980, os produtos minerais não-ferrosos e o petróleo também passaram a ser negociados como *commodities*, e mais recentemente as moedas e os produtos financeiros (derivativos) também se transformaram em mercadorias, com papéis negociados no mercado futuro nas principais bolsas de valores do mundo.

Da regulação estatal ao controle das grandes corporações

O café pode ser considerado, ao lado de diversos outros produtos (açúcar, chá, juta, cacau, borracha), como uma *commodity* tropical (FRIEDMANN; MCMICHAEL, 1989). Trata-se de produtos produzidos exclusivamente pelos países de clima tropical e consumidos em sua maior parte pelos países desenvolvidos. Essa relação geralmente reflete uma forte herança colonial, caracterizada pela dependência econômica de muitos países com relação à exportação desses gêneros agrícolas e pela regulação dos mercados quase sempre exercida pelos agentes localizados nos países importadores.

No entanto, o café foi uma das poucas, senão a única *commodity* tropical, cujo controle do mercado foi fortemente influenciado pelos países produtores em grande parte do século XX. As primeiras intervenções foram realizadas pelo Estado

brasileiro, ainda no início do século XX, possibilitadas pelo quase monopólio da produção cafeeira mundial[9]. No entanto, somente a partir de 1962, com a criação da Organização Internacional do Café (OIC) e dos Acordos Internacionais do Café (AIC), as ações unilaterais do Estado brasileiro foram substituídas por uma política sistemática entre os principais Estados produtores e importadores.

Os AIC's surgiram com o objetivo de estabilizar os preços internacionais do café, por meio de acordos firmados entre as agências estatais[10] dos países produtores e importadores.

Os países produtores, proponentes dos acordos (principalmente os latino-americanos), contaram com uma situação geopolítica favorável provocada pela Guerra Fria (principalmente após a Revolução Cubana em 1959) e também pelo interesse das grandes torrefadoras em garantir a oferta de café verde[11]. Ademais, tratava-se de um período de predomínio do ideário desenvolvimentista (CASTILLO, 2008), sob a influência das políticas de orientação keynesiana, com a relativa subordinação do comércio exterior aos objetivos estatais de estabilidade dos preços e de maior utilização dos recursos nacionais, quando comparado a outros períodos (DAVIRON; PONTE, 2007).

Ao definir preços e quotas de exportação, os Acordos mantinham os preços do café relativamente elevados e possibilitavam aos países produtores reter parte substancial do preço pago pelo consumidor final.

Ao analisar a divisão da renda total da "cadeia de valor mundial do café" entre as décadas de 1970 e 1990, Talbot (2004, p. 166-168) estima que durante a vigência dos AIC's, os países consumidores retinham metade do valor final do café torrado/moído e solúvel vendido ao consumidor final; enquanto os países produtores, transportadores e cafeicultores se apropriavam da outra metade. Naquele período (décadas de 1970/80), os produtores se apropriavam de cerca de 20% do valor final, chegando a 30% do total no ano safra de 1975/76, após as geadas no estado do Paraná.

---

9 Sobre a intervenção estatal brasileira na cafeicultura no início do século XX ver, entre outros, Furtado (1976), Delfim Netto (1981) e Saes (1995).

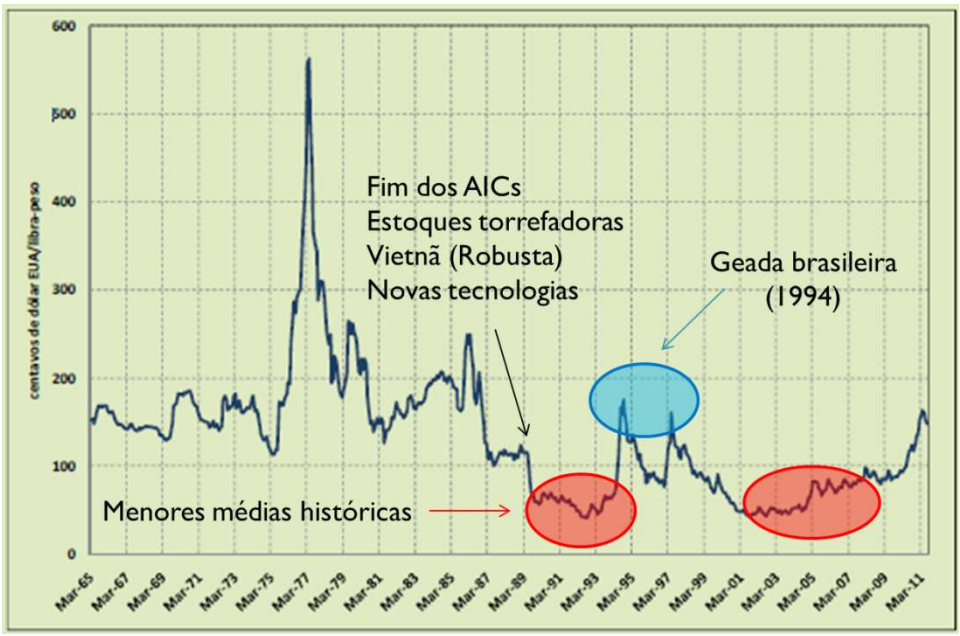
10 As agências estatais de regulação da cafeicultura dos países produtores — como o Instituto Brasileiro do Café e a Federación Nacional de Cafeteros da Colômbia, apenas para citar duas entre as mais importantes —, garantiam preços mínimos, formavam estoques reguladores, subsidiavam a compra de insumos químicos, realizavam empréstimos a baixos custos aos produtores, desenvolviam pesquisas e extensão rural, regulavam os preços do mercado interno do café torrado e moído e promoviam a imagem do café, principalmente no caso da agência colombiana.

11 Mesmo pagando um valor a mais, as torrefadoras conseguiram repassar os custos adicionais para o mercado consumidor ao agregar valor à mercadoria final através da diversificação dos produtos oferecidos.

Contudo, a relação se alterou drasticamente com o fim dos AIC's, em 1989. A denominada "desregulamentação" do mercado cafeeiro — que foi na verdade uma nova forma de "regulação corporativa" -, fez com que o percentual da renda total do café apropriado pelos países importadores aumentasse para 75%, enquanto a participação dos cafeicultores caiu para apenas 13%, entre 1989 e 2000.

Com o fim dos AIC's, não foi apenas o percentual apropriado pelos cafeicultores e países produtores que diminuiu. O preço do café verde no mercado internacional também teve uma queda acentuada, alcançando os menores índices históricos no início das décadas de 1990 e de 2000, como demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 1. Variação do preço do café verde (1965 a 2011)



Fonte: Organização Internacional do Café, 2012.

O fim dos AIC's e a extinção das agências estatais marcou a entrada da produção cafeeira no período da globalização. Como assevera Santos (2000, p. 67), com a "globalização", a "política" passou a ser feita no "mercado", cujos agentes principais são as "empresas globais". O encolhimento das funções do Estado expôs os produtores à lógica da competitividade em escala global. Pode-se dizer que os Acordos Internacionais e as agências estatais do café serviam como um anteparo, protegendo os produtores da "política" das grandes empresas torrefadoras e *tradings*.

O contexto político-ideológico do final dos anos de 1980 e início de 1990 – caracterizado pelo fim da Guerra Fria, com a queda do Muro de Berlim (1989), e a imposição pelo Banco Mundial do Consenso de Washington e seu receituário

neoliberal -, não deixou espaço para a renovação dos AIC's, acabando com o período de regulação estatal da principal *commodity* agrícola negociada no mercado mundial. O convencimento ideológico para a desregulamentação do mercado foi tão incisivo, que os próprios cafeicultores foram favoráveis à extinção das agências reguladoras estatais, acusando-as de ineficientes e corruptas. A percepção fragmentada do contexto histórico imposta pelo "discurso único" (SANTOS, 2000) dominante, não permitiu nem ao menos aos produtores compreender que com o fim daquela solidariedade do Estado, eles restariam vulneráveis a ação das grandes empresas, como ocorreu durante a maior parte das décadas de 1990 e 2000.

A ascensão das grandes empresas torrefadoras e tradings no mercado mundial de café

A partir da década de 1990, com o fim dos AIC's, o mercado mundial de café passou a ser controlado pelas empresas de torrefação e moagem e *tradings*. Desde então, as relações comerciais, o acesso a informações estratégicas e o jogo de poder estabelecido por essas empresas substituiu as antigas negociações interestatais sobre quotas e preços.

Apesar de complementares, essas duas categorias de empresas dificilmente se fundem em uma única corporação. Enquanto as empresas torrefadoras dedicam-se principalmente à torrefação, inovação, desenvolvimento de novos produtos e a divulgação e venda de suas marcas; as *tradings* atuam basicamente nos serviços de importação, logística, armazenamento de café verde, com participação cada vez mais proeminente também na exportação a partir dos países produtores e no mercado financeiro.

As empresas de torrefação e moagem surgiram nos EUA, no início do século XX, como empresas locais, que vendiam suas próprias marcas de café. Na década de 1950, com o surgimento das redes de supermercado, algumas delas tornaram-se conhecidas nacionalmente, em detrimento dos comerciantes independentes e pequenas torrefadoras (TOPIK, 2003). Porém, a partir da década de 1970, essas empresas nacionais passaram a ser adquiridas pelos grandes conglomerados agroalimentares, que não vendiam apenas café, mas também uma série de outros produtos, como: Nestlé, Kraft/ Phillips Morris, Protect e Gamble (atual J.M. Smucker's).

A tendência à oligopolização do mercado de torrefação de café iniciada nos EUA, na década de 1970, tornou-se mundial a partir da década de 1990, com a abertura dos mercados e a internacionalização das grandes empresas.

Embora pequenos torrefadores tenham se especializado no comércio de cafés

especiais (*gourmet*, *Fairtrade*, orgânico), principalmente, a partir do último decênio do século XX, o mercado de torrado e moído apresenta-se fortemente concentrado. No ano de 2010, as duas empresas líderes adquiriram quase 30% do café verde comercializado no mundo[12]. As dez maiores empresas possuem uma participação de cerca de 60% do total, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 1. Participação no mercado mundial de café, torrefadores, 2010

Empresas (torrefadores)	Comércio de café verde — milhões sacas (60 kg)	Participação no mercado mundial	Participação acumulada
Kraft/Philip Morris	13,5	14,5%	14,5%
Nestlé	12,8	13,8%	28,3%
Sara Lee	8,5	9,2%	37,5%
J.M. Smucker's	5,5	5,9%	43,4%
Elite	3,5	3,8%	47,2%
Tchibo	2,8	3,0%	50,2%
Starbucks	2,7	2,9%	53,1%
Lavazza	2,4	2,6%	55,7%
Melitta	2,0	2,2%	57,9%
Segafredo Zanetti	1,9	2,0%	59,9%
Aldi	1,8	1,9%	61,8%

Fonte: International Trade Center – ITC, 2012.

Como ressalta Chesnais (1996), uma das principais características do período de expansão financeira, iniciado na década de 1970, foi a centralização de capital em grandes corporações transnacionais promovida pelo significativo aumento de fusões-aquisições de empresas rivais e de setores complementares. No ramo dos alimentos, a transnacional *Philip Morris* (renomeada *Altria*) tornou-se um dos maiores conglomerados, após comprar a *Kraft General Foods*, em 1988, e de adquirir e se fundir a uma série de outras empresas de alimentos ao longo das décadas de 1990 e 2000[13].

Em 2010, a firma tornou-se a maior compradora mundial de café verde, ao adquirir 13,5 milhões de sacas, ultrapassando a antiga líder *Nestlé*, com 12,8 milhões de sacas (60 kg). Após os dois grandes conglomerados alimentares

12 Considerando apenas as "importações líquidas", isto é, sem contar as reexportações de café feitas pelos países consumidores.

13 Todos os dados e informações sobre as tradings e empresas torrefadoras foram obtidos nos sites das próprias companhias.

destacam-se a transnacional *Sara Lee*, com 8,5 milhões de sacas, com forte atuação nos mercados brasileiro e europeu, e a norte-americana *J.M. Smucker's*, que se tornou a quarta maior torrefadora, ao comprar a divisão de café da *Procter & Gamble*, em 2008. Importante destacar também a presença da torrefadora e cafeteria *Starbucks* entre as dez maiores. Diferente das demais empresas, a *Starbucks* dedica-se principalmente ao mercado de cafés especiais: das 2,7 milhões de sacas de café verde adquiridas em 2010, cerca de 90% foram de café certificado (UTZ, *Rain Forest*, *Fairtrade*, orgânico) ou com algum tipo de verificação (4C) (ITC, 2012). O fato realça a importância e o crescimento do comércio mundial de *cafés especiais*.

A oligopolização do mercado de torrado e moído e a crescente demanda por grandes quantidades de café também promoveu a oligopolização das empresas de comércio de café (*tradings*), ao exigir que elas fossem capazes de movimentar volumes cada vez maiores.

No final da década de 1990, seis empresas eram responsáveis por quase metade do comércio mundial de café verde: *Neumann*, *Volcafé*, *Cargill*, *Esteve*, *Aron* e *ED&F Man*. Desde então, várias aquisições e fusões promoveram uma centralização ainda maior do setor. A *ED&F Man* adquiriu a *Volcafé*, em 2004, tornando-se a líder mundial do comércio internacional de café, mas caindo para a quarta colocação em 2010. A *Ecom Agroindustrial Corporation* (controladora da *Esteve*) adquiriu a divisão de café da *Cargill*, tornando-se a segunda maior *trading* de café, logo atrás da *Neumann Kaffee Gruppe*, como observado na tabela a seguir.

Tabela 2. Participação no mercado mundial de café, tradings, 2010

Empresas (*tradings*)	Comércio de café verde — Milhões sacas (60 kg)	Participação no mercado mundial	Participação acumulada
Neumann	13,5	14,5%	14,5%
Ecom	10,0	10,8%	25,3%
Olam	8,0	8,6%	33,9%
ED&F Man	7,0	7,5%	41,4%
Louis Dreyfus	6,5	7,0%	48,4%
Noble	5,0	5,4%	53,8%
Sucafina	4,0	4,3%	58,1%
Armajaro	3,5	3,8%	61,9%
Mercon	2,5	2,7%	64,6%

Fonte: International Trade Center – ITC, 2012.

A *Neumann Kaffee Grupp*, por exemplo, é a maior *trading* mundial de café, com quase 15% do mercado. O Grupo surgiu na cidade portuária alemã de Hamburgo, no início do século XX, e atualmente possui 46 empresas localizadas em 28 países, estabelecendo contato direto com produtores e mais de 1,5 mil torrefadores em todo o mundo. Dentre os grandes grupos, a *Neumann* é uma das poucas empresas que também produz café, com fazendas no Brasil, Uganda, Guatemala, El Salvador e México.

Outra importante empresa, a *Ecom Agroindustrial Corp*. *Ltda*., fundada em 1849, é uma *trading* mundial de *commodities* agrícolas de origem espanhola, mas com sede na Suíça, especializada principalmente no comércio de café, algodão e cacau. Os negócios com café começaram em 1935, com a instalação do primeiro escritório no Brasil. Atualmente, a Empresa está presente em 22 países e controla pouco mais de 10% do mercado mundial de café verde.

Diferentemente das outras grandes *tradings*, que em sua maioria surgiram a mais de um século nos países da Europa, a *Olam International* é relativamente recente. A Empresa surgiu em 1989, na Nigéria, com o comércio de produtos agrícolas. Durante a década de 1990, a "desregulamentação" do mercado internacional de produtos agrícolas fez com que a *Olam* se expandisse para outros países produtores de *commodities* tropicais na África, Ásia e América Latina. Atualmente, a Empresa considera-se a líder mundial na administração da cadeia de suprimentos de produtos agrícolas e ingredientes alimentares. A Empresa atua no circuito produtivo de 20 gêneros alimentares em 65 países, em alguns deles, atuando em todas as etapas da produção (desde o fornecimento de agrotóxicos, na produção propriamente dita, na distribuição, comércio, processamento final e venda de produtos com marca própria).

O Grupo inglês *ED&F Man*, quarto maior em volume de café negociado, está presente em mais de 50 países, atuando também no comércio de açúcar, ração animal, melaço, óleos tropicais, borracha, biocombustíveis e instrumentos financeiros. No caso do café, o Grupo atua em 16 países produtores (localizados na América Central e do Sul, África, Ásia e Oceania) e nos principais países consumidores, como EUA, Alemanha e Japão, com escritório central na Suíça. Além das parcerias com as grandes empresas torrefadoras, o Grupo também vende cafés especiais para pequenos e médios torrefadores localizados na Costa Oeste dos EUA e Austrália.

Contudo, o fato mais significativo é a crescente participação dessas empresas no mercado financeiro. Se inicialmente, as *tradings* atuavam no mercado futuro exclusivamente como *hedgers*, isto é, como agentes interessados em se proteger das

oscilações dos preços dos produtos agrícolas entre a colheita e a entrega, a partir principalmente da década de 2000, com a explosão do valor e do número de derivativos em *commodities* agrícolas, as grandes *tradings* também passaram a atuar como especuladores, ou seja, procurando obter parte dos seus lucros por meio de atividades especulativas no mercado financeiro (NEWMAN, 2008).

Por exemplo, a *Olam's Commodity Financial Services*, pertencente à *trading* de mesmo nome, iniciou sua atuação em 2003, tornando-se rapidamente uma das principais atuantes no mercado de opções, derivativos, administração de riscos e fundos de investimentos ligados a *commodities* agrícolas na *London International Financial Futures and Options Exchange* (LIFFE) e na *Intercontinental Exchange / Chicago Board of Trade* (ICE/CBOT). As empresas *ED&F Man* e *Neumann* seguiram o mesmo caminho e criaram respectivamente as empresas *ED&F Man Commodity Advisors Limited* e *TRX Futures*, ambas com escritórios de análise financeira localizados em Londres.

O imperativo das finanças e o caráter seletivo e estratégico da informação alteraram significativamente as relações ao longo do circuito espacial produtivo do café (CASTILLO; FREDERICO, 2004), com a crescente oligopolização do mercado e o aumento da volatilidade dos preços do café verde cotados nas principais bolsas de valores, como analisado a seguir.

Finanças, informação e vulnerabilidade

Como destaca Santos (2000), o "dinheiro em estado puro" e a "informação" tornaram-se os pilares do atual período da globalização. Trata-se, respectivamente, da financeirização da economia dirigida por uma crise de sobreacumulação, iniciada na década 1970 (ARRIGHI, 1996; HARVEY, 2004), e da produção e circulação de uma informação estratégica e seletiva. O imperativo das finanças e da informação legitima o ideário da competitividade e do livre mercado e exclui, devido ao seu caráter seletivo, a maioria dos agentes enraizados nas regiões produtoras de *commodities*, constituindo-se como fatores de ampliação das desigualdades e das vulnerabilidades sociais e territoriais.

No caso da cafeicultura, a "financeirização da economia" tem resultado, principalmente, na centralização de capital, por meio de fusões e aquisições, e na explosão dos negócios especulativos em bolsas de valores, ampliando a volatilidade dos preços do café.

Como relatado anteriormente, o comércio futuro de café é realizado em pregões na *New York Coffee Exchange* (atual *Intercontinental Exchange* — ICE) desde 1882. No auge dos AIC's, na década de 1960, os negócios tornaram-se tão baixos

que os comerciantes que atuavam na Bolsa do Café de Nova York cogitavam inclusive em acabar com esse tipo de negociação. O regime de quotas e preços negociados entre os países produtores e importadores diminuíam de tal forma a instabilidade dos preços do café, que praticamente tornavam desnecessárias as vendas no mercado futuro (TALBOT, 2004).

Mas, como demonstra Talbot (2004), a situação anterior começou a se alterar a partir da década de 1980, com o enfraquecimento dos acordos interestatais e a maior atuação dos especuladores, aproveitando-se da liberalização econômica e da criação de novos instrumentos financeiros. Os especuladores atuam no mercado futuro desde o seu início, no final do século XIX, porém, a sua ação tornou-se muito mais expressiva a partir do último quartel do século XX, com a criação dos *fundos de commodity*[14] e do *mercado de opções*[15].

Apesar da expansão dos derivativos e aplicações financeiras não ser restrita aos contratos futuros do café, a grande volatilidade de preços dessa *commodity*, principalmente após o fim dos AIC's, a sua liquidez no mercado à vista (facilidade de venda) e a necessidade de gestão de riscos pelos exportadores e torrefadores que atuam no mercado físico tornaram o seu mercado futuro um dos mais atrativos. Por se tratar de uma cultura perene, com bianualidade nas safras e muito sensível a intempéries climáticas (seca, geada, granizo) e doenças (ferrugem), a cafeicultura possui grande instabilidade de preços, atraindo tanto *hedgers* quanto especuladores. Enquanto os primeiros utilizam os contratos futuros para se proteger das oscilações dos preços e garantir o acesso aos grãos, os especuladores veem a instabilidade do mercado como uma oportunidade de investimento[16].

Como ressalta Talbot (2004), se o mercado futuro fosse operado apenas por *hedgers*, o montante das operações deveria ser duas vezes maior que a quantidade de café verde negociada, considerando que para cada negociação de venda também é realizada uma transação de compra. Todavia, os negócios efetuados no mercado futuro têm crescido num ritmo muito maior *vis-à-vis* o mercado físico de café, o que

14 Os fundos se caracterizam pela união de vários investidores, organizados sob a forma de uma pessoa jurídica, que visam obter lucros através de aplicações em ativos financeiros atrelados ao mercado futuro de commodities (principalmente agrícolas e minerais).

15 Um contrato de opção é um derivativo que confere o direito (mas não a obrigação) de comprar (Opção de Compra) ou vender (Opção de Venda) um ativo-objeto (no caso, um contrato futuro), por um valor determinado, em um período de tempo preestabelecido.

16 Como destacado anteriormente e realçado por Newman (2008), a distinção entre hedgers e especuladores existe mais na teoria do que na prática. Os grandes agentes, como as tradings, atuam simultaneamente como hedgers e especuladores. Geralmente, essas grandes empresas garantem o seu abastecimento de café verde fixando o preço e os prazos de entrega no mercado futuro através do hedge, mas também é cada vez mais comum a sua atuação como especuladores, esperando obter lucros através de investimentos meramente especulativos.

demonstra o aumento da atuação dos especuladores, como pode observado no gráfico a seguir.

Gráfico 2. Importação mundial de café e negociação de contratos futuros, 1980 – 2010.



Como demonstra o gráfico 2, em 1980, as importações mundiais de café totalizavam cerca de quatro milhões de toneladas, enquanto a quantidade de café negociada no mercado futuro era cinco vezes maior que o valor anterior, isto é, pouco mais de 20 milhões de toneladas. Desde então, a diferença entre o mercado futuro e físico de café aumentou significativamente, chegando a mais de 15 vezes em 2010, quando foram importadas quase oito milhões de toneladas de café verde, para um montante superior a 120 milhões de toneladas negociadas no mercado futuro (ITC, 2012).

Se aos contratos futuros acrescentarmos os negócios em opções, a diferença com relação ao mercado físico se torna ainda maior. O volume de café negociado no mercado de opções cresceu nove vezes entre os anos de 1990 e 2010, ao passar de cinco milhões para cerca de 45 milhões de toneladas (ITC, 2012). Portanto, ao somarmos os contratos futuros e de opções temos um montante de cerca de 165 milhões de toneladas de café negociadas para um mercado físico de apenas 7,9 milhões de toneladas.

O desenvolvimento das novas redes geográficas de produção e transmissão da informação como as redes telemáticas, oriundas da união entre as telecomunicações (via ondas ou cabos) e a informática (computadores), também teve um papel

significativo no aumento das operações especulativas no mercado futuro e consequentemente na volatilidade do preço físico do café. Atualmente, a maioria das cotações e negociações de café realizadas pelas principais bolsas de valores é feita eletronicamente, com agentes de diferentes países realizando as transações de forma concomitante.

Com a possibilidade de transmissão instantânea das informações, a incidência de eventos que afetam os preços do café tornou-se conhecida mais ou menos de forma simultânea pelos diferentes agentes do mercado. A informação sobre uma safra recorde no Brasil ou um incidente político na Colômbia pode criar grande volatilidade nas cotações, porque os operadores dos mercados futuros podem começar a comprar ou a vender de uma só vez seus ativos, promovendo uma elevação ou queda em curto prazo do seu valor.

O mercado físico não está isento destas oscilações de preços. Como assevera Talbot (2004, p 113), "em meados da década de 1970, quando *hedgers* dominavam os especuladores no mercado futuro, o preço físico do café direcionava o preço dos contratos futuros. A partir de meados da década de 1990, quando especuladores dominam o mercado, o preço dos contratos de papel direciona o preço do café físico".

A afirmativa anterior pode ser verificada ao analisarmos, por exemplo, a oscilação dos preços internacionais do café Arábica tipo "C" nos três primeiros meses de 2012. Após mais de um ano de recuperação dos preços do café, com valores negociados acima de 200 centavos de dólar/libra peso[17], as cotações da ICE caíram para cerca de 180 cents/lb..

Segundo informações obtidas com um *trader* do mercado futuro de *commodities* agrícolas do banco inglês *Standard & Poor*, a queda verificada nos primeiros meses de 2012 foi puramente especulativa[18]. A difusão de informações sobre a safra recorde no Brasil e os indicadores negativos com relação à economia chinesa fez com que os especuladores saíssem de uma posição neutra (quando há certo equilíbrio na proporção de papéis comprados e vendidos) e liquidassem suas posições, aumentando as vendas especulativas. Dados do relatório da *US Commodity Futures Comission*, de 23 de março de 2012, apontavam a existência de 66.617 contratos futuros de café vendidos (*short*) para apenas 46.223 contratos comprados (*long*), diferença de 20.394 contratos.

A perspectiva por parte dos investidores de queda dos preços futuros fez com

17 Centavos de dólar por libra peso é a medida internacionalmente utilizada para a negociação de café pela ICE.

18 Informações obtidas durante trabalho de campo.

que eles liquidassem suas posições, o que acentuou ainda mais a queda dos preços, independente da oferta e demanda do café, que segundo a OIC, apresentava baixos estoques e crescente demanda mundial, ocasionando numa oferta restrita de café para os anos de 2012 e 2013. Além dos especuladores, que atuam no mercado em aberto (*open interest*), muitos *traders* e torrefadores, que atuam no mercado físico, também liquidaram suas posições nos meses de fevereiro e março de 2012, na expectativa de comprar café a preços menores alguns meses depois.

O grande volume de contratos (futuro e de opções) negociados pelos agentes corporativos (*traders*, torrefadores, bancos, fundos de investimento) faz com que eles consigam influenciar a queda ou a elevação dos preços em curto espaço de tempo. Ao perceberem que há uma tendência de queda dos preços, eles vendem os seus contratos e os recompram novamente alguns meses depois a preços menores, obtendo, dessa maneira, uma margem de lucro puramente especulativa.

A especulação não ocorre apenas no campo das finanças, mas também com relação à produção de informações sobre safras, consumo, crescimento econômico, intempéries climáticas, decisões políticas, etc. O acesso instantâneo à informação, possibilitado pelas redes telemáticas, é fator *sine qua non* para a tomada de decisões dos investidores financeiros.

Como ressalta Newman (2008), diante do imperativo das finanças e da informação, as grandes *tradings*, que atuam tanto no mercado físico quanto no futuro, se encontram em posição privilegiada. Além de possuírem capital para atuar no mercado futuro, resistindo às suas oscilações, e acesso a informações estratégicas, elas também têm capacidade de produzir suas próprias análises por atuarem diretamente nos principais países produtores e consumidores e estabelecerem contato direto com os diferentes agentes do circuito espacial produtivo do café. A forte atuação das *tradings* no mercado futuro e na produção de informação faz com que elas tenham grande poder de induzir a queda das cotações em curto prazo, mesmo que a médio e longo prazo a conjuntura do mercado de café sinalize para um consumo superior à oferta[19].

Na posição oposta encontram-se os milhares de pequenos produtores com acesso limitado às informações estratégicas e ao mercado futuro. Eles são os mais suscetíveis às oscilações de preços e nem ao menos conseguem assegurar a venda do café no mercado futuro. Na maioria dos casos, os pequenos cafeicultores

19 Alguns analistas do mercado de café alegam que nos meses que antecedem a safra no Brasil, as tradings tentam promover uma queda nos preços para que elas possam "entrar na safra comprando barato", mesmo que a tendência seja para um consumo mundial superior à oferta (entrevista com Armando Matielli, presidente do Sindicato Nacional dos Cafeicultores, no Jornal Mercado&Cia, 13/03/2012).

vendem o café no mercado físico para atravessadores locais. A necessidade imediata de dinheiro e a falta de planejamento e informações mais precisas fazem com que uma notícia sobre a tendência de queda dos preços desencadeie um aumento das vendas por parte dos produtores, o que estimula ainda mais a baixa dos preços.

Considerações finais

A *lógica das commodities*, iniciada a mais de um século nos EUA, e atualmente caracterizada pelo imperativo das finanças e da informação, submete e opõe cada vez mais os pequenos produtores e agentes atrelados aos lugares a uma situação externa que não podem prever e nem mesmo controlar. Trata-se de uma relação desigual de poder que acarreta numa grande vulnerabilidade social e territorial, isto é, que não expõe apenas os produtores locais a eventos externos que os afeta e condiciona, mas de forma indissociável, também compromete a existência e o uso dos sistemas de objetos construídos para um determinado fim, como as plantações e infraestruturas destinadas à produção do café.

Desde o final da década de 1980, a adoção das políticas neoliberais ampliou significativamente a escala de atuação das grandes empresas, em particular, das *tradings* e torrefadoras. A regulação estabelecida pelos Estados produtores, entre as décadas de 1960/80, por meio dos AICs e dos institutos estatais do café, foi abruptamente substituída por uma regulação corporativa. Pode-se dizer que as políticas estatais serviam como um anteparo contra a investida das grandes corporações e do capital financeiro. Porém, o atual contexto de financeirização da economia e hegemonia neoliberal, torna a lógica das *commmodities* ainda mais perversa, ao deprimir os preços do café verde, aumentar a sua volatilidade e expor os cafeicultores ao imperativo global da competitividade.

Bibliografia

ARRIGHI, G. *O Longo Século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Campinas, SP: IE. UNICAMP, 1998.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S.. Circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil. *Ciência Geográfica*. Bauru, Ano X, Volume X, n. 3, 2004, pp. 236-241.

CASTILLO, R. Sustentabilidade, globalização e desenvolvimento. In: OLIVEIRA, M. P. et al. (org.). *O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Anpege / Clacso / Faperj / Lamparina, 2008. p. 401-410.

CHARVET, J.P.. L'agriculture dans la mondialisation. In: CARROUÉ, L. *La Mondialisation*. Paris: SEDES/CNED, 2006.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital.* São Paulo: Xamã. 1996.

CRONON, W. *Nature's Metropolis*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

DAVIRON, B.; PONTE, S. *Le paradoxe du café.* Paris: Éditions Quae, 2007.

DAVIRON, B; VAGNERON, I. From commoditisation to de-commoditisation… and back again. Discussing the role of sustainability standards for agricultural products. *Development Policy Review*, 29 (1), 2011, pp. 91-113.

DELFIM NETTO, A. *O problema do café no Brasil*. São Paulo: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, Universidade de São Paulo, 1981.

FRIEDMANN, H.; MCMICHAEL, P. Agriculture and State System. *Sociologia Ruralis*, v. 29, n. 2, 1989, pp. 93-117.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1976.

HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

INTERCONTINENTAL EXCHANGE – ICE. *Coffee Market Information*, 2012. Nova York. Disponível em: http://www.theice.com. Acessado em: 29 de fevereiro de 2012.

INTERNATIONAL TRADE CENTER – ITC. *Annual Report*, 2011. Disponível em: http://www.intracen.org/about/annual-report/. Acessado em: 03 de março de 2012.

JAMIESON, Ross W. The essence of commodification: caffeine dependencies in the early modern world. *Journal of Social History,* v. 35, n. 2, 2001.

KAPLINSKY, R.. *Competitions policy and the global coffee and cocoa value chains.* Paper prepared for United Nations Conference for Trade and Development (UNCTAD), 2004.

MARTINS, Marcellino; JOHNSTON, E. (Org.). *150 anos de café*. Rio de Janeiro: Marcellino Martins & E. Johnston Exportadores, 1992.

MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Ed. HUCITEC & Ed. Polis, 1984.

MORAES, A. C. R. de. *Bases da formação territorial do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

NEWMAN, S.. *The role of international commodity exchanges in the formation and transmission of prices and price risk along international coffee chains*. Working paper, NCCR Trade Regulation. 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática. 1993.

SAES, S. M. S. *A racionalidade econômica da regulamentação no mercado brasileiro de café*. Tese (Doutorado em Economia), Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, 1995.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TALBOT, J. M. *Grounds for agreement*. The political economy of the coffee commodity chain. Lanham, MD: Rowman and Littlefield Publishers, INC. 2004. 237 p.

TOPIK, S. The integration of the World Coffee Market. In: TOPIK, S.; CLARENCE-SMITH, W. G.. *The global coffee economy in Africa, Asia, and Latin America, 1500-1989*. New York: Cambridge University Press, 2003.

WALLERSTEIN, I.; HOPKINS, T. K.. Commodity chain in the world-economy prior to 1800. *Review*, 10(1), 1986. p. 157-170.

Sobre o autor

Samuel Frederico: geógrafo e mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp — Campus Rio Claro), atuando principalmente nos temas circuito espacial produtivo, especialização produtiva regional e modernização e expansão agrícola no território brasileiro.

* * *

ABSTRACT

Logic of commodities, finance and coffee growing

The article aims to substantiate the notion of logic of commodities understood not only as economic and financial invention, but also as an expression of political-geographical. For that, the article analyzes transformation of coffee an exotic plant to the main agricultural commodity in the late nineteenth century. To examine, in the current period of globalization, control by roasters and trading companies over coffee production and the prices volatility caused by the increasing financial speculation. Thus, we try to demonstrate how the local farmers are submitted to an external logic which they have little or no control.

KEYWORDS: logic of commodities; coffee growing; financialization; tradings companies; roasters companies.

RESUMEN

Lógica de las commodities, finanzas y caficultura

El artículo tiene como objetivo fundamentar la idea de la lógica de las commodities, entendida no sólo como un producto económico y financiero, sino también como una expresión política y geográfica. Para ello, se parte de la transformación del café de una planta exótica ao principal producto agrícola en el siglo XIX. Así, analizamos, en el actual período de la globalización, el control por parte de las empresas tostadoras y tradings sobre la producción de café y la volatilidad de los precios causado por el aumento de la especulación financiera. Por lo tanto, intentamos demostrar cómo los productores locales están sometidos a la lógica externa que no se puede predecir o incluso controlar.

PALABRAS CLAVE: lógica de las commodities; producción de café; financiarización; tradings; compañías de torrefacción y molienda.

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg
Artigo recebido em junho de 2013. Aprovado em julho de 2013.